
Interdisciplinaridade e Triangulação Metodológica em Pesquisas no campo da Cultura Digital: reflexões a partir do Afroempreendedorismo¹

Taís Oliveira²

Universidade Federal do ABC, Santo André – SP

Universidade de São Paulo, São Paulo – SP

Resumo

O artigo tem como objetivo discutir as estratégias de método e percursos teóricos interdisciplinares ao se optar pela triangulação metodológica no aprofundamento de investigação baseada em identidades no campo da cultura digital. Há uma gama de discussões pertinentes no complexo fazer social sobre e a partir do meio digital, assim temos como hipótese que tal complexidade tende a levar pesquisadores a ultrapassar limites teóricos, técnicos e metodológicos na busca por inferências em suas pesquisas. Dessa forma, apresentamos reflexões a partir de pesquisa sobre redes sociais na internet, economia étnica e afroempreendedorismo (OLIVEIRA, 2019) e buscamos assim compreender quais os benefícios e limitações na proposta de pesquisas neste escopo.

Palavras-chave

Interdisciplinaridade, Triangulação Metodológica, Cultura Digital, Mídias Sociais, Afroempreendedorismo

Introdução

O trabalho Redes Sociais na Internet e a Economia Étnica: um estudo sobre o Afroempreendedorismo no Brasil (OLIVEIRA, 2019) trata da pesquisa da autora para a obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC. A dissertação de cunho interdisciplinar baseada em uma problemática racial foi desenvolvida entre os anos de 2017 e 2019 e contou com reflexões teóricas que perpassam diversos campos do saber e com complementariedade de metodologias. Busca-se aqui discutir as estratégias de método e percursos teóricos ao se optar pela triangulação metodológica no aprofundamento de investigação baseada em identidades no campo da cultura digital e assim compreender quais os benefícios e limitações na proposta de pesquisas com este escopo.

¹ Trabalho apresentado no GP de Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciência Humanas e Sociais pela UFABC, pesquisadora membra do NEAB-UFABC (Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros) e se especializando em Educação, Cultura e Relações Étnico-Raciais no Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação da ECA-USP. E-mail: tais.oliveira@ufabc.edu.br / taisoliveira@usp.br

A reflexão proposta aqui tem como premissa as redes sociais na internet (RECUERO, 2009) enraizado em páginas do site de mídia social Facebook que tratam do tema Afroempreendedorismo. Justifica-se a partir de empírica da crescente manifestação de grupos de Afroempreendedores no meio digital, dessa forma opta-se por um estudo a partir das mídias sociais e avança-se para outros aprofundamentos. Como metodologia aplicou-se revisões sistemáticas (HADDAD, 2002; FERREIRA, 2002; SAMPAIO & MANCINI, 2007), análise de redes sociais na internet (RECUERO, 2009; BARABÁSI, 2009; RECUERO, BASTOS & ZAGO, 2015; SILVA & STABILE, 2017; RECUERO, 2018), entrevista via formulário direcionado aos Afroempreendedores e entrevista semiestruturada (FLICK, 2004; BONI, 2005). A partir da pergunta problema: é possível aplicar a Teoria da Economia Étnica na análise do Afroempreendedorismo no Brasil? buscou-se integralizar o tripé temático da historicidade da população negra no Brasil, conceituação e discussão da Teoria da Economia Étnica e Afroempreendedorismo e, por fim, discussão sobre identidades no campo da cultura digital calcada, sobretudo, nos debates sobre *Black Digital Humanities* e da apropriação do ferramental sociotécnico do grupo reunido a partir do fator racial. Obtendo, dessa forma, um percurso teórico interdisciplinar e triangulação metodológica que fosse capaz de atender a complexidade do objeto. Na próxima sessão apresentamos uma discussão acerca desses tópicos.

Interdisciplinaridade teórica e Triangulação Metodológica: especificidades e alguns resultados

A *priori*, consideramos importante pontuar o contexto acadêmico que o trabalho que servirá de reflexão está inserido. A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal do ABC que tem, desde sua fundação, um projeto pedagógico interdisciplinar que promove a construção e compartilhamento de saberes entre profissionais de diferentes campos e com o objetivo de estabelecer a interação e integração de diversas áreas do conhecimento consideradas necessárias para a resolução de questões com demandas complexas. Sua organização acadêmica é dividida em centros que evocam determinadas vocações científicas. Sendo eles o Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS) que evoca invenção, o Centro de Matemática e Ciência da Computação (CMCC) que evoca a sistematização do conhecimento e o Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH) que evoca a descoberta. Além desses, com a criação de cursos de graduação e pós-graduação em Humanidades acrescenta-se a evocação pela reflexão (PENTEADO *et*

al, 2015). Além disso, nos programas de pós-graduação sugere-se o acompanhamento de coorientadores de pesquisa, justamente para cobrir demandas teóricas que eventualmente não são especialidade do orientador. Dessa forma, estando a pesquisa aqui apresentada como objeto de análise alocada no centro que evoca a reflexão, consideramos de relevância explorar os aspectos que a tornam interdisciplinar em sua complexidade e complementariedade.

A interdisciplinaridade nasce como um movimento que busca refletir sobre a contraposição de um capitalismo epistemológico de determinadas ciências, a organizações curriculares estritamente especializadas e contra propostas de construção de conhecimento a partir de um único ponto de vista. Para Fazenda (1994), a interdisciplinaridade hoje se remete mais a um processo e deve ser desenvolvido com o acompanhamento criterioso de todos os seus momentos.

Assim, o tripé teórico do trabalho esteve entre percepções teóricas da Economia Étnica (LIGHT, 2005, 2013; GOLD, 1989), que *a priori* trata das comunidades de migrantes formadas com o objetivo de promover trabalho e desenvolvimento profissional entre um determinado grupo co-étnico. Além disso, destacam-se também as práticas de comunidade, valorização da identidade e o desenvolvimento de redes de solidariedade entre os membros do grupo.

O percurso teórico aborda ainda a trajetória da população negra no Brasil, sobretudo a partir de aspectos relacionados ao trabalho, renda e escolaridade. Desde a utilização da mão de obra escrava para o enriquecimento de outros grupos étnicos e de todas as fases econômicas brasileiras que se utilizaram desta sobreposição hierárquica de poder. Dos períodos pós abolição que teve como principal característica o descaso do governo brasileiro em relação à população negra que traz consequências lastimáveis até os dias atuais. Da formação de comunidades como os quilombos, dos movimentos negros da década de 80 até os mais recentes, sobretudo as discussões de aglomerações a partir das mídias sociais (FERNANDES, 1989; 2013; MOURA, 1992; ALBUQUERQUE & FRAGA FILHO, 2006; DOMINGUES, 2007; JACINO, 2008; 2019; NOGUEIRA & MICK, 2013; ALMEIDA, 2018).

Outra revisão literária levantada no trabalho trata dos aspectos econômicos alinhados à trajetória da população negra no Brasil, principalmente quando se trata das singularidades da configuração da sociedade liberal brasileira pela qual o racismo é elemento estruturante, a concentração deliberada de riqueza em determinados grupos

sociais e a superexploração do trabalho. Além do importante e atual debate sobre as estruturas em momentos de crises das quais as consequências recaem sobre os sujeitos e os fazem agir, entre outras problemáticas, como "empresa de si mesmo" e supervalorizar o discurso do empreendedorismo como a solução de problemas individuais. Todos esses percalços históricos e sociais nos levam a conceber a ideia de que o Afroempreendedorismo é uma pauta temática que necessita de debate também no campo das políticas públicas, do acesso ao crédito e na construção institucional de objetivos amplos e sérios contra o racismo (NOGUEIRA & MICK, 2013; DARTOT & LAVAL, 2017; OLIVEIRA, 2017; ALMEIDA, 2017).

Neste sentido, o desenvolvimento teórico acerca do objeto se demonstra complexo na medida em que perpassa diversas áreas do conhecimento e elabora mais problemáticas além da delimitação inicial. Citamos a exemplo, a questão do acesso ao emprego, da educação, da moradia e saúde e demais direitos primordiais negligenciado sistematicamente pelo estado. É possível ainda abordar questões subjetivas como pertencimento de grupo, aceitação, identidade, diáspora, entre outros assuntos. Dessa maneira, mostrou-se dificultoso delimitar os percursos teóricos da pesquisa ao se defrontar com variadas possibilidades de estudos. Todavia focou-se em estabelecer uma linha de raciocínio que privilegiasse a historicidade com foco em trabalho, renda e escolaridade entendendo que estes aspectos específicos são os mais relevantes para a discussão ao que hoje chama-se de Afroempreendedorismo. Ainda, buscou-se adaptar ao contexto brasileiro um conceito que, em suma, é muito utilizado em outros países, sobretudo europeus ou norte-americanos, trata-se da Teoria da Economia Étnica que encontra tensionamento de aplicabilidade na proposta estabelecida ao se deparar com uma população que não migrou, mas que foi sequestrada e escravizada a partir da força violenta contra seus corpos, subjetividades, identidades, cultural, etc.

Por fim, a última temática teórica aprofundada no trabalho trata da formação de relacionamentos a partir de interesses em comum, embora não seja nenhuma novidade, como mencionado anteriormente sobre a formação de quilombos, se expande, em certa medida, com a apropriação das ferramentas sociotécnicas advindas da internet e das tecnologias por parte dos usuários. Nos apegamos, sobretudo, nas discussões acerca da identidade em ambientes digitais que potencializam agrupamentos e reivindicações possibilitando uma singularidade de pesquisas características desses últimos 20 anos de pesquisa nas mais variadas áreas de conhecimento (LÉVY, 2010; CASTELLS, 1999;

CANCLINI, 2015). A exemplo de Freelon *et al* (2016a, 2016b, 2018) que estuda o movimento Black Lives Matter e a hashtag #Ferguson no Twitter e verifica o poder dos movimentos sociais no contexto digital para entender como o uso de mídias sociais contribuem para os objetivos contra a violência de ativistas, ou ainda Noble e Tynes (2016) que tratam de discutir a interseccionalidade na internet a partir de debates em torno de raça, classe, gênero e cultura online.

Há uma gama de pesquisas baseadas em identidades e o fator racial, sobretudo focadas em análises sociais e historiográficas, sociedades diaspóricas, formação de populações como a brasileira, entre outros temas (GILROY, 2007; HALL, 2006; CESAIRE *apud* MOORE, 2010; MUNANGA, 1999; 2012). Quando delimitamos o campo de análise para a discussão de identidades na cultura digital, observamos no contexto norte-americano que se destacam diversos estudos baseados em *Black Digital Humanities*, trata-se de um espaço construído que leva em consideração a intersecção entre o campo digital e a negritude, inclusive alguns dos trabalhos citados acima.

Para Gallon (2016), as interações discursivas cotidianas por pessoas negras nas mídias sociais são uma continuação do esforço secular empregado por populações negras escravizadas em todo o mundo e em decorrência disso é necessário compreender como as tradições teóricas são tão racializadas quanto as discussões atuais sobre o meio digital e suas reapropriações. Para o autor a *Black Digital Humanities* gera uma nova epistemologia negra que traz investigações e entendimentos mais profundos sobre a humanidade de maneira geral. Dessa forma, os sites de mídias sociais e a formação de redes sociais na internet funcionam como um espaço que incentiva a interação discursiva entre pessoas que se encontram por proximidade de identificação. Há, portanto, a ideia de que a internet é também um local para construção de identidade e formação de comunidade em torno da identidade racial e étnica. Logo, compartilhar conteúdos que dão ênfase as características raciais dão aos usuários o sentimento de pertencimento, sobretudo quando se trata de um grupo historicamente estigmatizado e oprimido pela sociedade dominante (DANIELS, 2012).

Ao refletir a complexidade social e histórica da população negra no Brasil diante dos fenômenos transpostos e transversais ao campo da cultura digital, compreendemos que esquema seria o caminho necessário a se percorrer para responder a problemática da pesquisa. Abaixo, na Figura 1, apresentamos o diagrama com a síntese do tripé interdisciplinar do trabalho em questão.



Figura 1: Tripé Interdisciplinar da pesquisa | Fonte: a autora.

Logo, optou-se por uma metodologia baseada em triangulação na busca da resposta problema da pesquisa. A triangulação, por sua vez, é um conceito muito utilizado por uma geração de pesquisadores construtivistas que se refere, basicamente representando uma metáfora semântica, a uma integração de métodos. Para Duarte (2009), a triangulação acompanha as mudanças aceleradas do contexto social que exige dos pesquisadores novas perspectivas no campo metodológico. Aqui utilizamos a triangulação intermétodos que consiste em utilizar diferentes metodologias para um mesmo objeto. A triangulação metodológica tem entre seus fins validar de diversas maneiras o resultado de uma problemática, realizar um estudo holístico mais aprofundado ou ainda a complementariedade de dados como indicadores, métodos quantitativos e qualitativos, entre outros (ROMANCINI, 2011).

Abaixo, na Figura 2, apresentamos um esquema visual da triangulação metodológica aplicada no trabalho discutido neste artigo. O esquema demonstra as metodologias utilizadas, seus objetivos e como elas são interdependentes e complementares entre si para a resolução da problemática e suas implicações interdisciplinares. Na sequência apresentamos mais detalhes e breves resultados de cada uma das metodologias aplicadas.

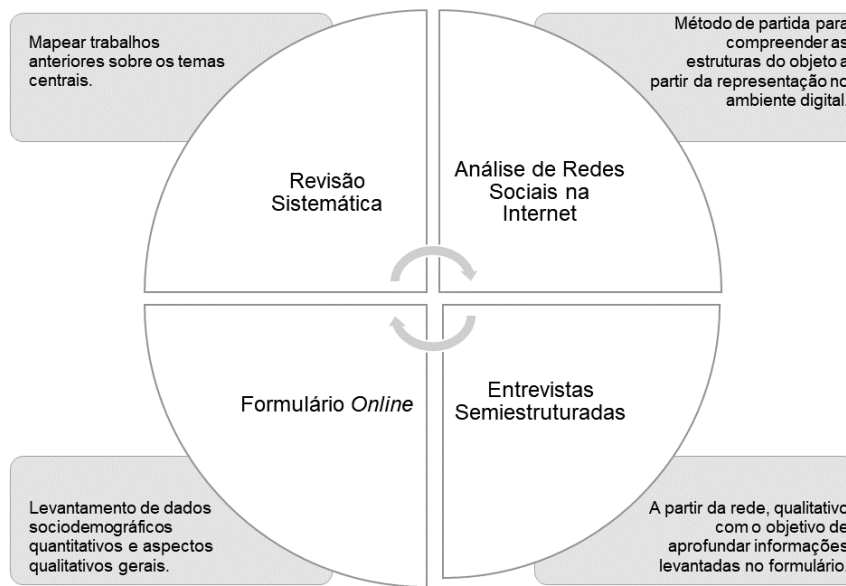


Figura 2: Esquema de Triangulação Metodológica | Fonte: a autora

Para se ter um panorama dos trabalhos já desenvolvidos e publicados anteriormente no campo optou-se por revisões sistemáticas sobre a própria Teoria da Economia Étnica e o Afroempreendedorismo no Brasil (HADDAD, 2002; FERREIRA, 2002; SAMPAIO & MANCINI, 2007). Assim pudemos observar como principais resultados quais foram as metodologias, epistemologias e aplicações mais recorrentes em cada uma das temáticas. Com o apoio da ferramenta StArt (FABBRI *et al.*, 2016) categorizamos os trabalhos selecionados em: 1) quais grupos raciais e étnicos são abordados nos trabalhos sobre Economia Étnica, quais metodologias são aplicadas nas análises e quais áreas do saber abordam a TEE; e 2) quais áreas de pesquisa o abordam Afroempreendedorismo no Brasil, de quais regiões do país são os estudos, em quais níveis acadêmicos estão alocados as pesquisas, quais metodologias são utilizadas e quais problemas de pesquisas aparecem nos estudos sobre tema.

Assim, na revisão sistemática sobre a Teoria da Economia Étnica, obtivemos um cenário em que o principal grupo étnico estudado foi o de chineses, seguido de negros norte-americanos, turcos, mexicanos, indianos e poloneses. Há uma predominância de análise a partir de dados secundários, discussão teórica, entrevistas e etnografia, sobretudo no setor das ciências sociais. E ainda uma preocupação dos pesquisadores em compreender as maneiras pelas quais ocorrem as interações, a estrutura social, mecanismos de cooperação e valorização de identidades entre os grupos étnicos.

Entretanto, até a realização desta revisão sistemática não havia estudos relacionados ao Afroempreendedorismo no Brasil a partir de ou que citasse a Teoria da Economia Étnica e tão pouco com a problemática do contexto de novas tecnologias e internet. Já na revisão sistemática sobre o Afroempreendedorismo no Brasil, encontramos monografias, *papers* de eventos, dissertações e teses, que estabelecem discussão em grande parte no âmbito econômico, de identidade, racismo e epistemologia. Entre os métodos temos o memorial descritivo e a etimologia entre os mais utilizados. Observamos ainda indícios de uma interdisciplinaridade de abordagem nas áreas, visto que os trabalhos encontrados circulam entre os campos da antropologia, administração, comunicação, ciências humanas, ciências sociais e sociologia.

Na aplicação da análise de redes sociais na internet utilizou-se como ferramentas Netvizz (RIEDER, 2013) e Gephi (BASTIAN et al, 2009), assim a partir de 120 páginas de Facebook sementes reunidas a partir do critério ter os termos “afroempreendedorismo”, “afroempreendedor”, “empreendedor negro”, “afro”, “negro”, “black” e variações nos títulos ou descrições das páginas no Facebook obtivemos uma rede direcionada de 1.300 nós e 3.624 arestas e modularidade de 0,679 com 79 comunidades. Dessas 79 comunidades (ou *clusters*) buscou-se descrever as oito mais relevantes para o estudo, tendo como destaque comunidades como moda e acessórios, comunicação alternativa e direitos humanos, empregabilidade e afroempreendedorismo, *rappers*, pedagogia, produção cultural e eventos, continente Africano, beleza e estética e negócios de Afroempreendedores, mais bem ilustrado na Figura 3 abaixo.

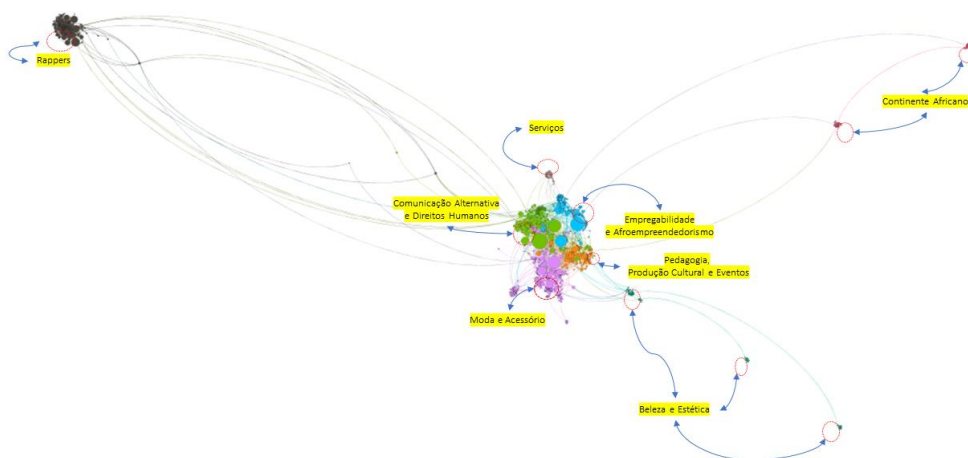


Figura 3: Rede de Afroempreendedorismo no Brasil | Fonte: a autora

O formulário *online* foi direcionado aos Afroempreendedores, circulou por 24 dias e obteve 141 respostas. O objetivo foi mapear informações quantitativas acerca de perfil sociodemográfico, dos empreendimentos e de temas qualitativos relacionados à prática Afroempreendedora, como dificuldades em ser empreendedor negro, a percepção do elemento identidade, relacionamento entre os Afroempreendedores, utilização das ferramentas sociotécnicas da internet, entre outros aspectos.

Sobre alguns dos resultados observados temos: a faixa etária fica em 58,6% entre 26 e 41 anos e sobre religião, 33,3% declararam praticar alguma religião de matriz africana. Sobre a escolaridade, 29,8% afirmam ter curso superior completo, 22% pós-graduação completa e 14,9% superior incompleto e 39% afirmam que tiveram acesso a alguma política educacional. Entre os respondentes, 50,3% afirmam que seu empreendimento é a única forma de obtenção de renda, 49,6% que não é a única maneira e 18,4% afirmam ainda ter um emprego paralelamente à atividade empreendedora. Sobre a atividade empresarial e a relação com alguma temática da cultura negra, 51% dos respondentes afirmam que sim, há relação e 49% que não há. Já sobre se o foco da sua atividade é em consumidores negros, 52% dizem que não e 48% afirmam que sim. Sobre movimentos sociais, 92,2% afirmam que participam ou tem interesse em algum movimento. Sobre a vida em comunidade por identificação, 84,4% mantem contato com outros Afroempreendedores e 94,3% afirmam ter preferência em utilizar serviços ou comprar produtos de outros Afroempreendedores.

Por fim, a entrevista semiestruturada foi direcionada aos representantes das páginas que se destacaram na rede, sobretudo a partir da métrica de grau de entrada de cada nó. Assim, entrevistamos³ Jaciana Melquiades da Era Uma Vez o Mundo⁴, Wanessa Yano da Ayê Acessórios⁵, Michelle Fernandes da Boutique de Krioula⁶ e Evando Fióti da Laboratório Fantasma⁷. As perguntas se pautaram entre a trajetória pessoal de cada Afroempreendedor, sobre a rotina de trabalho e a importância das ferramentas da internet, sobretudo as mídias sociais, sobre a relação com a identidade, perspectivas políticas e a relação do Afroempreendedorismo com o sistema capitalista que estrutura e perpetua disparidades sociais, principalmente o racismo. Obtivemos como alguns dos principais

³ Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com as normas da Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do ABC.

⁴ Disponível em: www.facebook.com/eraumavezomundo

⁵ Disponível em: www.facebook.com/lojaayecessorios

⁶ Disponível em: www.facebook.com/boutiquedekrioula

⁷ Disponível em: www.facebook.com/laboratoriofantasma

resultados a falta de planejamento inicial como uma situação comum entre todos os entrevistados. Ainda, todos tem início a partir de uma carência pessoal ou do mercado, como Jaciana que inicia sua atividade ao não encontrar brinquedos com representatividade para seu filho, Michelle buscava se auto afirmar enquanto mulher negra quando iniciou a venda de turbantes e Evandro Fióti não tinha referências de *rappers* brasileiros como artistas e ao mesmo tempo empresários na indústria musical local. Outras peculiaridades foram o compartilhamento de histórias de racismo em ambientes bancários, opiniões contundentes a respeito da precarização das leis trabalhistas e a *glamourização* do discurso empreendedor, a percepção pessimista sobre contexto político atual e um desejo comum de crescimento exponencial do grupo co-étnico.

Considerações Finais

A respeito das aplicações destas metodologias encontramos alguns benefícios e implicações técnicas, tais como: 1) foi de extrema importância levantar os trabalhos anteriores sobre o objeto e sua base teórica, sobretudo para certificar o teor de novidade e atualidade da pesquisa; 2) lidar com rastros digitais facilitou o processo do ponto de vista técnico pelo fácil acesso a dados públicos; 3) todavia o método digital por si só não seria capaz de agregar informações suficientes para responder a problemática; 4) as entrevistas deram um panorama mais geral do cenário e possibilitou guiar as perguntas para a entrevista semiestruturada; 5) porém essa demonstrou ser a etapa mais delicada visto o fator humano propriamente dito, a princípio a lista de referências em destaque a partir da rede girou em torno de 10 nomes, ampliada propositalmente já se antecipando os percalços, porém encerrado o tempo limite de recebimento das resposta obtivemos somente quatro pessoas, embora com elevada riqueza de relatos e dados.

Podemos inferir que pesquisas com o escopo interdisciplinar levam o pesquisador a ir além de seus limites de formação quando está é não interdisciplinar, justamente por forçá-lo a se aprofundar em temas que saem de sua área de atuação. A interdisciplinaridade apresenta benefícios interessantes ao promover visões diferentes e complementares para um mesmo objeto ou problemática, porém na aplicação de triangulações metodológicas o pesquisador enquanto sujeito único em trabalhos solitários como dissertações e teses pode não conseguir administrar todas as demandas e etapas da

proposta, todavia a partir de um planejamento rigoroso, os resultados provavelmente serão de grande valor e profundidade.

Destacamos a importância de conhecer trabalhos anteriores a partir da revisão sistemática, técnica que nos dá um panorama dos olhares científicos já empregados e orienta o pesquisador pela busca por novidades e problemáticas ainda não exploradas em determinadas áreas. Entendemos ainda que dados digitais sozinhos podem não ser capazes de sanar todas as questionamentos das pesquisas, sobretudo quando se trata de estudos no campo interdisciplinar. Portanto, faz-se necessário combinar metodologias que atendam de maneira mais uniforme complexidades que possam surgir no desenvolvimento dos trabalhos.

Por fim, vale pontuar que a problemática proposta no trabalho aqui apresentado como material de reflexão, ou seja, entender se é possível aplicar a Teoria da Economia Étnica na análise do Afroempreendedorismo no Brasil, foi respondida com detalhes a partir da triangulação de metodologia e detalhamento de dados, sobretudo os que apresentaram complementariedade qualitativa e quantitativa. Logo, dadas as complexidades, consideramos a experiência interdisciplinar e de triangulação metodológica importantes aliadas em pesquisas sobre identidades no campo da cultura digital, sobretudo em contextos complexos como os que envolvem a discussão de racial.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Centro de Estudos Afro-Orientais, 2006.
- ALMEIDA, Silvio L. de. Capitalismo e crise: o que o racismo tem a ver com isso?. In: OLIVEIRA, Dennis (org.). **A luta contra o racismo no Brasil**. São Paulo: Fórum, 2017.
- _____, Silvio L. de. **O que é racismo estrutural?**. São Paulo: Letramento Editora e Livraria LTDA, 2018.
- BARABÁSI, Albert-László. **Linked – a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo, 2009.
- BASTIAN, Mathieu et al. Gephi: an open source software for exploring and manipulating networks. **Icswm**, v. 8, n. 2009, p. 361-362, 2009.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>>.
- CANCLINI, Nestor A. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3ª ed. 1ª reimp. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- CASTELS, Manuel. O poder da identidade; tradução de Klauss Brandini Gerhardt. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, v. 2, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DANIELS, Jessie. Race and racism in Internet studies: A review and critique. **New Media & Society**, v. 15, n. 5, p. 695-719, 2013.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial, 2017.
- DE CAMARGO PENTEADO, Claudio Luis; DA SILVA, Sidney Jard; DA FONSECA, Karen Christina Dias. Humanidades na UFABC: produção do conhecimento interdisciplinar na pós-graduação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 12, n. 28, 2015.
- DOMINGUES, Petrónio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, 2007.
- DUARTE, Teresa. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). 2009.
- FABBRI, Sandra et al. Improvements in the StArt tool to better support the systematic review process. In: **Proceedings of the 20th International Conference on Evaluation and Assessment in Software Engineering**. ACM, 2016. p. 21.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Papyrus editora, 1994.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 1ª Ed. Digital. Global Editora e Distribuidora Ltda. São Paulo: 2013.
- _____, Florestan. **O significado do protesto negro**. Cortez. São Paulo, 1989.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, Aug. 2002. Disponível em: from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>.
- FLICK, Uwe. Entrevistas semi-estruturadas. U. **Flick Introducción a la investigación cualitativa**, p. 89-110, 2004.
- FREELON, Deen et al. **How Black Twitter and other social media communities interact with mainstream news**. 2018.
- _____, Deen. The Measure of a Movement: Quantifying Black Lives Matter's Social Media Power. **Upenn. edu**, 2016.
- _____, Deen; MCILWAIN, Charlton; CLARK, Meredith. **Beyond the hashtags: #Ferguson, #Blacklivesmatter, and the online struggle for offline justice**. 2016.
- GALLON, Kim. Making a case for the Black digital humanities. **Debates in the Digital Humanities**, p. 42-49, 2016.
- GOLD, S. J. Chinese-Vietnamese entrepreneurs in Southern California: an enclave withco-ethniccustomers? In: **Proceedingsofthe American SociologicalAssociation**, Anais. San Francisco, 1989.

- HADDAD, S. **Juventude e escolarização: uma análise da produção de conhecimento**. Brasília, DF: MEC/ Inep/ Comped, 2002.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG, 2006.
- JACINO, Ramatis. **Desigualdade Racial no Brasil – causa e consequências**. São Paulo: Imó, 2019.
- _____, Ramatis. **Transição e exclusão. O negro no mercado de trabalho em São Paulo pós-abolição – 1912/1930**. São Paulo: Nefertiti, 2014.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática**. 2ª ed. São Paulo: 34, 2010.
- LIGHT, Ivan. Global entrepreneurship and transnationalism. in Dana Leo-Paul (org.): **The Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship: a co-evolutionary view on resource**. Cheltenham: Edward Elgar, 2007
- _____, Ivan. The Ethnic Economy. in N. Smelser e R. Swedberg (org.): **The Handbook of Economic Sociology**. Princeton EP & Russel Sage, 2005.
- MICK, Jacques. Relatório final de pesquisa – PBAE Igualdade racial, desenvolvimento, empreendedorismo e solidariedade: desafios para o Brasil Contemporâneo. Disponível em: <<http://www.institutoiab.org.br/relatorio-final-de-pesquisa-pbae/>>
- MOORE, Carlos. **Aimé Césaire–Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- MOURA, Clovis de. **História do Negro Brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude – Usos e Sentidos**. 3ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- _____, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NOBLE, Safiya Umoja; TYNES, Brendesha M. **The intersectional internet: Race, sex, class, and culture online**. Peter Lang International Academic Publishers, 2016.
- NOGUEIRA, João Carlo; MICK, Jacques. Desenvolvimento, empreendedorismo e promoção da igualdade racial. In: NOGUEIRA, João Carlos (Org.). **Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: Desafios históricos e perspectivas para o século 21**. Florianópolis: Atilende, 2013.
- OLIVEIRA, Dennis de. O combate ao racismo é uma luta anticapitalista. In: OLIVEIRA, Dennis (org.). **A luta contra o racismo no Brasil**. São Paulo: Fórum, 2017.
- OLIVEIRA, Taís. **Redes Sociais na Internet e a Economia Étnica: um estudo sobre o Afroempreendedorismo no Brasil. Dissertação** (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) - Programa de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, 2019.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- _____, Raquel; BASTOS, Marco & ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- RIEDER, Bernhard. **Studying Facebook via Data Extraction: The Netvizz Application**. Disponível em: <http://thepoliticsofsystems.net/permafiles/rieder_websci.pdf>
- ROMANCINI, Richard. Os Indicadores e a Pesquisa em Comunicação. In: **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2011.
- SAMPAIO, RF; MANCINI, MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos , v. 11, n. 1, p. 83-89, Feb. 2007 . Available from . access on 13 Feb. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>.SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Tarcízio; STABILE, Max. (Org.) **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016.